As Zonas Intermediárias de Circulação e a emergência de narrativas dissonantes na discursividade midiática

The Intermediate Circulation Zones and the emergency of dissonant narratives in media discourse

Demétrio de Azeredo Soster
deazeredososter@academico.ufs.br
https://orcid.org/0000-0002-9005-9334

Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pós-doutor pela Unisinos.

Resumo

Parte-se do pressuposto que a processualidade da midiatização provoca a emergência de narrativas dissonantes na discursividade midiática. Narrativas dissonantes são perspectivas contra-hegemônicas que surgem a partir de complexas semioses e operam, no plano simbólico, em contraposição às ofertas de sentido que usualmente emergem dos dispositivos midiáticos no que eles têm de jornalístico (*sites*, jornais, revistas etc.). Ao fazê-lo, reconfiguram o sistema midiático, exigindo, do que analisa, novas gramáticas de interpretação. A abordagem é qualitativa, nos moldes de Demo (2000); o objeto analisado é o *site Sumaúma: jornalismo do centro do mundo*.
Palavras-chave: jornalismo, sistema, zonas intermediárias de circulação, narrativa.

Abstract

The assumption is made that the procedural nature of mediatization triggers the emergence of dissonant narratives in media discourse. Dissonant narratives are counter-hegemonic perspectives that arise from complex semioses and operate, in the symbolic realm, in opposition to the meanings typically offered by journalistic media devices such as websites, newspapers, and magazines. In doing so, they reconfigure the media system, demanding new grammars of interpretation from those who analyze them. The approach is qualitative, following the model proposed by Demo (2000), and the object under analysis is the *Sumaúma* website: journalism from the center of the world.
Keywords: journalism, system, intermediate zones of circulation, narrative.

1 Primeiros movimentos

Este artigo parte do pressuposto de que a processualidade da midiatização, ao reunir condições para a emergência de Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs) no sistema midiático, no que ele tem de jornalístico, e não apenas no interior dos dispositivos que integram o referido sistema[1] provoca o surgimento do que estamos chamando de narrativas dissonantes na discursividade midiática. Trata-se, as referidas narrativas, de perspectivas contra-hegemônicas, de onde o adjetivo 'dissonante', que surgem a partir de complexas semioses e operam, no plano simbólico, em contraposição às ofertas de sentido que usualmente emergem dos dispositivos midiáticos no que eles têm de jornalístico (*sites*, jornais, revistas etc.). Observe-se que se estabelece, em uma perspectiva sistêmica, dessa forma, um cenário em que as narrativas contra-hegemônicas se tornam elas próprias dispositivos por meio dos quais determinadas ofertas de sentido são realizadas a partir de complexas processualidades internas.

Trata-se, o fenômeno, de uma espécie de 'efeito colateral' que complexifica a própria natureza do sistema, cujas operações sabemos, com Luhmann (2009), são seminalmente autorreferenciais, voltadas à redução de complexidade do sistema, sendo que a midiatização se interpõe nessa perspectiva como chave hermenêutica para compreensão do fenômeno. A complexificação a que nos referimos se verifica quando observamos que as narrativas dissonantes operam antes como geradoras de complexidades que de uniformidades, de onde a percepção que se tratam de dispositivos, e não apenas 'lugares' situacionais.

Isso ocorre, a título de ilustração, quando surge um novo dispositivo no sistema midiático cuja característica, na comparação com seus pares, é realizar ofertas de sentido dissonantes. A condição dissonante significa, neste caso, ser, a um tempo, semelhante e distinto dos demais dispositivos.

A semelhança é de ordem operacional, ou seja, ligada à instância de produção. É dizer, por outras palavras, que, se o dispositivo possui

[1] Ainda que, com Bertalanffy (2013), não se possa pensar em sistemas sem considerar, neles, os dispositivos que os compõem, delimitamos a análise aqui proposta no âmbito do sistema, e não do disposto, porque o primeiro representa, processualmente, um conjunto de dispositivos dialogando de alguma forma entre si por isso os chamamos de sistema – ao passo que, no segundo caso (o dispositivo), o olhar se volta para apenas uma parte dele, não sendo, portanto, suficiente para os propósitos aqui propostos.

DOI: https://doi.org/10.4013/qt.2023.1121.01 – Vol. 11, nº 21, janeiro-junho/2023

natureza comunicacional, é porque suas operações internas ocorrem de forma relativamente semelhantes aos demais dispositivos do sistema em que se insere. Ou, por outra, no diálogo com Sodré (2021) e Marcondes Filho (2020), porque buscam, por meio de suas operações, ao fim, gerar sentidos capazes de provocar transformações de natureza comunicacional. Já a distinção é ligada, antes, ao posicionamento discursivo do dispositivo que necessariamente à sua processualidade operacional ou mesmo tematização. Assim, ele será comunicacional quando abordar, hipoteticamente, a partir de uma lógica processual interna específica[2], a questão ambiental, mas contra-hegemônico quando o fizer de forma, por exemplo, ativista e subjetiva, contrariando lógicas discursivas referenciais próprias dos tratamentos jornalísticos convencionais.

Nosso recorte empírico será o *site* "Sumaúma: jornalismo do centro do mundo"[3], que, por suas características, pode ser caracterizado como 'narrativa contra-hegemônica'. Insere-se, o referido dispositivo, em um perfil de publicação de natureza comunicacional cujas ofertas de sentido se interpõem na discursividade midiática com posicionamentos, abordagens, temáticas e angulações significativamente distintas do que encontramos nos demais dispositivos do sistema midiático no que eles têm de jornalísticos. Mais que reportagens realizadas por narradores pós-modernos, trata-se de relatos realizados por narradores midiatizados, como tentaremos demonstrar a seguir a partir da categorização que estamos propondo neste artigo. Há muitos dispositivos, na discursividade midiática, com essas características: *Periferia em movimento*[4]; *Agência mural*[5]; *Catarinas*[6]; e *Ponte*[7], por exemplo. Por economia de espaço, no entanto, analisaremos apenas o caso de *Sumaúma*, por ser significativamente representativo do extrato que nos propomos a estudar.

Reiterando o que dissemos acima, estamos falando de dispositivos operacionalmente comunicacionais, ou seja, que, a partir de determinadas regras e protocolos, produzem sentidos que visam, ao fim, provocar transformações por meio da geração de sentidos. Tematicamente, portanto, sua forma de operação e seus conteúdos não se diferem necessariamente de *sites* noticiosos convencionais; a distinção ocorre pelo viés discursivo – discurso aqui na perspectiva de Verón (2013), ou seja, pelos sentidos que emergem de seus processos de enunciação.

Antes de prosseguirmos, e no que toca aos aspectos metodológicos, nossa abordagem será qualitativa nos moldes de Demo (2000), qualidade compreendida como "expressão complexa e não linear dos fenômenos, ao mesmo tempo indicativa de sua incompletude ostensiva e potencialidade pretensamente ilimitada" (Demo, 2000, p. 149). A opção metodológica sugere, como aponta Ferreira (2013), para a necessidade de uma epistemologia que considere a necessidade de se superar os objetos em 'separado', ou seja, que se avance em relação aos métodos convencionais, e que se considere, nele, novas problemáticas, caso da circulação. "Na circulação[8], o objeto é singular, na medida em que imerso numa configuração própria ao caso, conexão imprevista de códigos, estruturas e sistemas em interação, mobilizados pelas posições cambiantes entre produção e recepção, colocando em xeque posições históricas construídas" (Ferreira, 2013, p. 76).

É dizer que seguiremos, metodologicamente, e sem pretensões totalizantes, pistas discursivas na superfície dos relatos de *Sumaúma* que nos permitem caracterizar, no objeto analisado, isso que estamos chamando de narrativas dissonantes, sem, com isso, retificar seu significado. A hipótese que nos move é que esses modelos de narrativas (contra-hegemônicas) são decorrência dos atravessamentos e interposições que ocorrem nos dispositivos midiáticos em determinadas condições de circulação e que provocam, ao fim, a emergência de ZICs; neste caso, materializadas na forma de dispositivos.

Dito isso, começaremos pelos necessários fechamentos conceituais, partindo da caracterização do que entendemos por narrativas; a partir delas, as narrativas dissonantes.

2 Fechamentos conceituais

Com Motta (2013), compreenderemos narrativas como estruturas discursivas a) instauradoras de inteligibilidade e b) dotadas do que Searle (2002) chamou de intencionalidade, ou seja, argumentativas; portanto, com um propósito definido. Nesse sentido, a narrativa nunca é ingênua; quem narra, alerta Motta (2013), busca produzir efeitos de sentido:

> *As narrativas são representações, construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais linguisticamente organizadas a partir de nossa experiência de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado. [...] Isso significa que o mundo cultural passa a existir na medida em que nós falamos sobre ele, nós o relatamos e o construímos (Motta, 2013, p. 83-84).*

E é por isso que o ato de narrar não apenas transcende a forma textual como está intimamente ligado à maneira como vemos o mundo: "A narrativa é um modo, antropologicamente situado, de dar sentido ao mundo, aos acontecimentos, às pessoas. É ela mesma um agir, que contribui para as dinâmicas das relações culturais e das experiências humanas" (Leal, 2022, p. 16).

Usualmente, vamos localizar os narradores e suas vozes narrativas – se há narradores, há vozes narrativas – sejam eles modernos (Benjamin, 2012) ou pós-modernos (Santiago, 2002), no âmbito das processualidades internas dos dispositivos. É o que Motta (2013), a partir de Genette (1988), sugeriu ao refletir sobre a estrutura narrativa dos dispositivos jornalísticos (jornais, revistas, *sites* etc.). Segundo ele, são em número de três as vozes narrativas que podem ser encontradas nesses dispositivos: primeiro (organização/instituição), segundo (jornalistas) e terceiro (fontes) narradores.

A primeira voz é a da organização ou instituição propriamente dita. Ela se manifesta na superfície discursiva dos

[2] Sabemos, com Luhmann (2009), que toda irritação é autoproduzida; ou seja, ela 'se encontra', antes, dentro do sistema, apesar de ser acionada por eventos externos – um acidente, por exemplo, no ambiente em que este sistema se encontra, ou mesmo nos demais sistemas. É dizer, por outras palavras, que o sistema está 'preparado' *a priori* para absorver as irritações e transformá-las em informações de forma que essa operação tanto reduz sua complexidade como saliente sua identidade enquanto sistema.

[3] Disponível em: https://sumauma.com/. Acesso em: 1 out. 2022.

[4] Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/. Acesso em: 20 out. 2022.

[5] Disponível em: https://www.agenciamural.org.br/. Acesso em: 20 de out. 2022.

[6] Disponível em: https://catarinas.info/. Acesso em: 20 out. 2022.

[7] Disponível em: https://ponte.org/. Acesso em: 20 out. 2022.

[8] Para uma leitura mais qualificada da problemática da circulação, ver Fausto Neto (2018).

relatos; quando o faz, é por meio de editoriais ou pela orientação editorial, por exemplo. A segunda voz é a dos jornalistas; narradores 'intradiegéticos', ou seja, que existem 'dentro' do dispositivo e que são localizáveis por meio de pistas discursivas deixadas nas notícias, reportagens etc. As fontes, por sua vez, e seguindo essa estratificação seminal, são consideradas como terceiros narradores, cujas vozes são localizáveis, igualmente, no corpo dos textos e imagens que compõem as publicações.

Observe-se que a interferência de dispositivos na comunicação narrativa neste cenário – um livro, um *site*, uma rede social etc. – fica relegada a um segundo plano na análise. Sabemos, no entanto, que a processualidade da midiatização, ao interferir na discursividade midiática, o faz de forma relacional; ou seja, envolve, no percurso, todos os elementos da comunicação narrativa, por isso dizemos que os sentidos que dela emergem têm natureza sociotécnico-discursiva. Um dos 'sintomas' que isso acontece dessa forma é a emergência de um novo modelo narrativo, que chamamos, em outro momento (Soster, 2019), de "narrador midiatizado":

> *Chamaremos, doravante, de narrador midiatizado aquele narrador que, ao ser afetado pela processualidade da midiatização, midiatiza-se. Ser midiatizado, neste caso, significa existir enquanto fenômeno midiático, ou seja, ser um narrador dotado de autonomia e persistência, o que só pode ser pensado quando seus relatos são veiculados em um dispositivo de natureza comunicacional (site, blog, rede social, jornal, livro etc.), jornalístico ou não (Soster, 2019, p. 180).*

Não vamos nos demorar sobre o narrador midiatizado; cumpre dizer, no entanto, que se trata, como dito, de um narrador que é afetado pela processualidade da midiatização, midiatizando-se, e que reúne as características dos narradores moderno e pós-moderno; ou seja, é, a um tempo, protagonista e observador demiúrgico dos acontecimentos.

> *Plurivocal e multifacetado, o narrador midiatizado também se diferencia dos demais níveis narrativos identificados anteriormente por Genette (1988), na literatura, e, depois, por Motta (2013), no jornalismo, pelo fato de sua identidade estar afeita antes a uma processualidade que a um lugar situacional [...]. Também por se reconfigurar constantemente em decorrências das interposições e atravessamentos provocados pelos circuitos múltiplos no âmbito das atividades sistêmicas (Soster, 2019, p. 181).*

O narrador midiatizado opera como uma espécie de síntese discursiva dos narradores moderno e pós-moderno:

> *Na condição de narrativa "midiatizada", estas narrativas acabam por trazer consigo características dos narradores que lhes antecederam (Piccinin, 2012). Pensando-se em Benjamin (2012) e sua concepção do narrador sábio, capaz de dar conselhos, porque traz consigo a perspectiva da transformação pessoal, o que se dá, como dito, pelo relato da experiência do vivido, pela noção de "moral" intrínseca à narrativa como perspectiva de autoconhecimento (Gai, 2018). Com Santiago (2002), este narrador narra a ação "enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia, da arquibancada ou de uma poltrona da sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante" (Soster, 2019, p. 182-186).*

Sinteticamente, temos o seguinte esquema quando o assunto é definir os modelos de narradores que conhecemos quanto à sua tipologia:

NARRADOR MODERNO. Narrador tradicional. Traz consigo a noção de moral ligada ao autoconhecimento e à transcendência.

NARRADOR PÓS-MODERNO. É o narrador distante, que narra da plateia; acima de tudo, que narra sem ser atuante.

NARRADOR MIDIATIZADO. Ora transcendente, ora distante, trata-se da soma de todos os narradores. Existe relacionalmente no diálogo com dispositivos tecnológicos e estabelece as bases para um quarto extrato narrativo (Soster, 2023), agora em termos de sistema.

Para evitar confusões conceituais, compreenderemos as tipologias 'moderno', 'pós-moderno' e 'midiatizado' como características dos narradores; ou seja, sua natureza essencial[9]. Já as classificações 1º, 2º, 3º e 4º narradores referem-se ao 'lugar' situacional em que se encontram na processualidade midiática. No caso dos 1º, 2º e 3º narradores, no âmbito dos dispositivos; em se tratando do 4º narrador, no sistema em que estes dispositivos se encontram. Temos, assim, a seguinte caracterização quanto ao tipo de narradores e o lugar que ocupam na discursividade midiática:

TIPOLOGIAS. Suas naturezas podem ser modernas, pós-modernas ou midiatizadas.

TOPOLOGIA. As nomenclaturas 1º, 2º e 3º narradores referem-se aos narradores que se localizam no âmbito da processualidade interna dos dispositivos. Já o 4º narrador é o próprio sistema.

A condição para que os 1º, 2º, 3º e 4º narradores existam, na perspectiva que estamos discutindo, é que os sentidos decorrentes de suas semioses, internas ou não, transformem-se em fenômenos midiáticos. Sabemos, com Verón (2013), que são em número de três as condições para que sentidos se transformem em fenômenos midiáticos: 1) serem dotados de autonomia e 2) persistência, abrindo caminho, assim, para a geração de 3) historicidade. Desse modo, a título de ilustração e pensando na transformação de narrativas em fenômenos midiáticos, uma história que é narrada adquire autonomia à medida que é registrada por um dispositivo tecnológico – um gravador, por exemplo. Quando isso ocorre, ela se 'desprende' de quem lhe enunciou e passa a existir pelo tempo que durar o dispositivo, por isso dizemos que possui 'autonomia'; 'vida própria', na relação com quem emitiu.

A persistência tem a ver, de um lado, com o tempo de vida do dispositivo, mas também com as relações que esse estabelece. Mais que um atributo físico, portanto – ser durável, resistente –, é o mecanismo que permite, ao fim, que outros atores e dispositivos interajam com a gravação da voz, em nosso exemplo hipotético, gerando novas semioses. É neste momento que surge o que Verón (2013) chamou de historicidade, ou seja, as transformações decorrentes desse contato gerado pela soma de autonomia e persistência.

[9] Como sinônimo de razão primeira.

3 Narrativas contra-hegemônicas

É necessário agora que deixemos claro o que entendemos por narrativas contra-hegemônicas. Com Antonio Gramsci, aprendemos que hegemonia é tanto o domínio de uma classe social sobre outra como a aceitação dessa segunda pelas regras e normatizações impostas pela primeira, dominante.

> *Hegemonia, então, refere-se tanto aos mecanismos e bases sociais da dominação quanto ao fato da própria dominação. Como conceito, focaliza atenção em como dominação e subordinação são definidos como partes da estrutura normal da sociedade e incluídas no arcabouço institucional dos principais aspectos da vida social, desde a família à educação e à religião organizada (Johnson, 1997, p. 123).*

Em uma livre apropriação, podemos pensar, portanto, que, se o conceito de hegemonia integra, estruturalmente, a sociedade em que vivemos, o mesmo ocorre com o sistema que estamos chamando de midiático-comunicacional no que ele tem de jornalístico. Ou seja, há uma mídia hegemônica, um modelo de comunicação que se estabelece, no mundo, com mais visibilidade, a partir do período em que Marcondes Filho (2000) categoriza como "segundo jornalismo" (1800-1900), que é marcado pelas grandes tiragens, pensando-se apenas nos impressos, e pela comunicação 'de massa'. Trata-se de modelos de comunicação axiomáticos – um para muitos – que se visibilizam com mais nitidez a partir do "terceiro jornalismo" (1900-1960), ainda na categorização de Marcondes Filho (2000).

O que vai complexificar este lugar situacional secular, permitindo a existência de uma mídia considerada contra-hegemônica, é a emergência do "quarto jornalismo" (de 1970 até o presente), cuja marca mais evidente, ainda na perspectiva de Marcondes Filho (2000), é a digitalização e a emergência das redes e sistemas informatizados. Fragilizam-se, dessa forma, os lugares situacionais e novos atores passam a ter acesso à discursividade midiática, disputando espaço em condições semelhantes aos convencionais. É o que Verón (2013) chamou de "revolução do acesso": "a rede provoca uma profunda transformação na relação entre os atores individuais com os fenômenos midiáticos[10]" (Verón, 2013, p. 279). Por quê? Basicamente porque, com ela, todos, ao menos em tese, condições semelhantes que ingresso na discursividade midiática.

Trazendo Sodré (2021) à discussão, podemos pensar que a hegemonia a que nos referimos se localiza na essência deste que estamos chamando de sistema midiático no que ele tem de jornalístico. Ou seja, um sistema que é constituído por dispositivos de natureza organizacional/institucional (Soster, 2019), que ocuparam, historicamente, e até bem pouco tempo, papel hegemônico na oferta de sentidos de natureza jornalística à sociedade. Ocorre que tanto os dispositivos como o sistema são atravessados a todo o momento por aquilo que Braga (2012) chamou de circuitos informacionais múltiplos, ou seja, informações que circulam livremente na discursividade midiática e que, ao fazê-lo, reconfiguram lugares e provocam emergências, entre estas, de Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs).

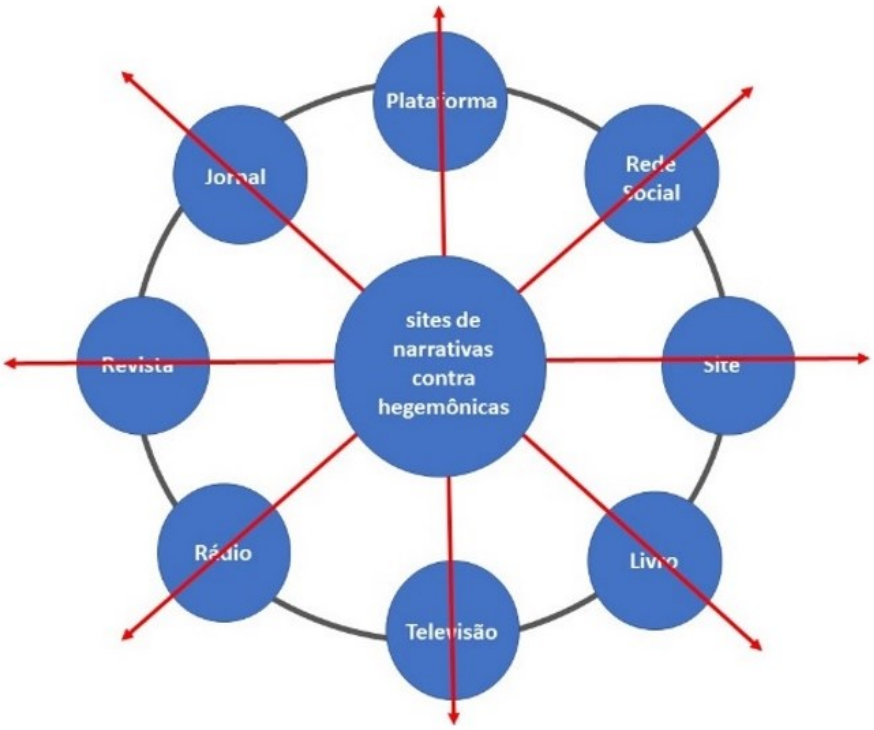
Tratam-se, as ZICs – já o dissemos em outros momentos (Soster, 2018, 2019) –, de ambiências intermediárias que se formam usualmente no interior dos dispositivos – de onde o adjetivo "intermediárias", reconfigurando processos e lugares. Mas também, e eis a perspectiva que trazemos neste artigo, no próprio sistema em que os dispositivos se inserem; personificam-se, dessa forma, antes em dispositivos que em enunciados. A diferença, neste caso, é que as ZICs, quando emergem no interior dos dispositivos por meio de enunciados destes, provocam reconfigurações de ordem processual no dispositivo, tais como incorporação de novas rotinas produtivas e mudanças de angulação. Quando o mesmo acontece na perspectiva sistêmica, quem é afetado é o próprio sistema, neste caso com o surgimento de um novo dispositivo.

Estamos falando, portanto, de vozes jornalísticas, mas contra-hegemônicas, na relação com seus pares, porque comprometidas antes com transformar uma realidade que meramente descrevê-la, ou mesmo narrá-la, como usualmente fazem os dispositivos convencionais. Os narradores das narrativas contra-hegemônicas são narradores midiatizados, na medida em que trazem consigo tanto a noção de autoconhecimento e transcendência dos narradores modernos como o distanciamento do narrador pós-moderno, sobretudo porque são multifacetados e plurivocais. não se encaixando, com facilidade, em modelos preconcebidos, não obstante sua existência ser decorrência, como dito, de uma reconfiguração do próprio sistema em que se inserem.

O grafismo abaixo, com as limitações inerentes a este modelo de representação, ajuda-nos a compreender visualmente como ocorre a emergência de ZICs no interior do sistema midiático:

[10] No original: "lo que está produciendo la red. es una transformación profunda de la relación de los atores individuales [...] com los fenómenos mediáticos" (Verón, 2013, p. 279).

Gráfico 1 – Emergência das narrativas contra-hegemônicas no âmbito do sistema midiático



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nele,

1 os círculos azuis representam os dispositivos que integram o sistema midiático-comunicacional (jornal, rádio, televisão etc.);

2 as setas em vermelho, as interposições e os atravessamentos que ocorrem no sistema em decorrência da processualidade da midiatização;

3 o traço cinza, que liga os dispositivos, sugere que estamos diante de um sistema – neste caso, midiático-comunicacional;

4 o círculo central é a narrativa contra-hegemônica que surge em decorrência do surgimento de ZICs no interior do sistema midiático-comunicacional.

Subsumir essa perspectiva implica considerar, como sugerimos acima, que estamos diante de um problema de circulação midiática, nos moldes de Fausto Neto (2010). Ou seja, da emergência antes de um 'lugar situacional', ainda que formado pelos sentidos que emergem de fluxos informacionais, que um ponto de passagem, ou mesmo diferença, existente em algum lugar entre as gramáticas de produção/emissão e reconhecimento/recepção. Por outras palavras, e ainda com Fausto Neto (2010, p. 15), "a circulação despontaria (neste cenário) como um novo dispositivo ao ser transformada em um lugar no qual instituições e atores sociais se encontram em torno de 'jogos enunciativos complexos'".

Não nos demoraremos nessa digressão, sob o risco de dispersão. Mais importante neste momento, quem sabe, e já tendo definido o que são narrativas contra-hegemônicas, é delimitar algumas de suas características discursivas mais evidentes, para que tenhamos melhores condições de analisá-las. Assim, por narrativas contra-hegemônicas entendemos aquelas em que:

O modelo jornalístico é de proximidade, ou seja, as informações são trabalhadas sem o distanciamento e a assepsia que caracterizam, usualmente, o jornalismo em dispositivos convencionais, mesmo no caso de reportagens

Ainda que o padrão discursivo seja informativo, textos dessa natureza não são exclusivos nem dominantes: formatos textuais como opinião, interpretação e mesmo diversionais são comuns nestes modelos de narrativas.

A noção jornalística de singularidade se complexifica; deixa de estar assentada em torno de critérios noticiosos convencionais – um acidente, uma descoberta científica – e é pensada em torno do humano e de suas relações sociais.

Os valores notícia e critérios de noticiabilidade não se assentam sobre valores organizacionais convencionais, ou mesmo institucionais; têm, antes, o humano como característica central.

A relação entre jornalistas e fontes é de proximidade, em detrimento do distanciamento idealizado secularmente pelo jornalismo.

Fontes não raramente deixam seu caráter referencial e se transformam em personagens.

Estamos falando de padrões textuais narrativos, ou seja, estruturadores de inteligibilidade, portanto pouco afeitos a estruturas textuais formais, como as que encontramos nas notícias, por exemplo.

4 Pistas discursivas

Observemos, agora, por meio de excertos retirados dos relatos de *Sumaúma: jornalismo do centro do mundo,* alguns exemplos que permitem afirmar que estamos diante de narrativas contra-hegemônicas. Mais que totalidades,

buscamos pistas discursivas deixadas nas superfícies que nos permitam identificar a presença, ou indicativos textuais do que estamos chamando de narrativas contra-hegemônicas.

4.1 Proximidade com as fontes

A relação entre os jornalistas e suas fontes, em narrativas contra-hegemônicas, é de proximidade. É o que se pode observar no trecho abaixo, parágrafo de abertura do artigo "'Nossas vidas acabaram': sexo por ouro, alcoolismo e doenças. As aldeias Yanomami destruídas pelo garimpo", de Bedinelli (2023, s.p., grifo nosso):

> *BOA VISTA, RORAIMA / A* ***invasão criminosa*** *do garimpo na Terra Indígena Yanomami,* ***sob a anuência e o estímulo do governo do extremista de direita Jair Bolsonaro,*** *destruiu profundamente aldeias inteiras. Não estragou apenas os rios ou a mata, mas desestruturou uma cultura com comunidades que até pouco tempo atrás não tinham sequer visto um homem branco pela frente e viviam em harmonia com a floresta, de onde tiravam seu sustento – e nada mais. Em áreas onde o garimpo não chegou, porque* ***deram a*** sorte *de não estarem em cima de metais preciosos, ainda é possível enxergar esse equilíbrio. Foi para uma delas, a aldeia Demini, onde vive o líder Davi Kopenawa,* ***que fomos*** *em agosto passado.* ***Levamos*** *para lá mulheres Yanomami de áreas atingidas pelo garimpo* ***para entrevistá-las em segurança para nossa matéria de estreia,*** *que denunciava a violência sexual promovida por garimpeiros na região.*

Observe-se que a repórter não se furta de opinar sobre o tema – "invasão criminosa"; "sob a anuência" e o "estímulo do governo do extremista de direita". Mas, também, além de relatar o que estava ocorrendo com os indígenas, deixa claro que conhece muito bem a região a ponto de saber onde há perigo ou não: "Levamos para lá", "para entrevistá-las em segurança", "nossa matéria de estreia". Mantém, portanto, uma relação de proximidade com o objeto analisado.

4.2 Outros formatos textuais

Importa salientar que, quando o assunto é compreender a natureza dos textos das narrativas contra-hegemônicas, é preciso considerar o que Searle (2000) chamou, em outro momento, de intencionalidade. Ou seja, passa por se subsumir que, por trás deles, há uma intenção desejada, uma vontade de 'dizer', o que descarta, desde agora, padrões objetivos, como os das notícias. Mesmo as reportagens, no que elas têm de informativo, apenas, pensando-se pela Teoria do Jornalismo, parecem não dar conta, em termos totais, do modelo de texto das narrativas contra-hegemônicas. É preciso pensar, no mesmo contexto, em uma mescla de estratégias que misturem, sem problemas, opinião e informação onde usualmente encontraríamos apenas informação. O excerto abaixo permite ver melhor como isso se dá:

> ***A mensagem era tão explícita quanto a intenção:*** *para salvar as criancinhas de Marajó, sem dentes para fazer sexo oral em adultos, seria preciso reeleger Bolsonaro no próximo 30 de outubro.* ***SUMAÚMA*** *foi até Marajó para checar o discurso de Damares.* ***Descobrimos que há, sim,*** *uma ação bem concreta do governo Bolsonaro no arquipélago: o desmonte dos mecanismos responsáveis pela assistência social da população, com forte impacto sobre as infâncias. A reportagem de* ***SUMAÚMA*** *encontrou crianças com dentes, mas* ***pouco ou nada a mastigar com eles,*** *parte delas entre os 33 milhões de brasileiros que passam fome (Barbosa, 2022, s.p., grifo nosso).*

Trata-se do excerto de uma reportagem; no entanto, observa-se nele, por meio de expressões como "A mensagem era tão explícita quanto a intenção", "descobrimos que há, sim" e "pouco ou nada a mastigar com eles", que a narrativa transita sem problemas da informação para a opinião. Ou seja, utiliza-se, em sua intenção de 'dizer', de recursos que, usualmente, estariam separados em *sites* jornalísticos convencionais.

4.3 Reconfiguração do singular e valores diferenciados

O singular, aqui pensado com Adelmo Genro Filho como categoria estruturante do jornalismo, reconfigura-se igualmente quando o assunto é compreender este fenômeno que estamos chamando de 'narrativas dissonantes'. A ênfase não são os critérios e valores que permeiam, em termos de gênero, formatos textuais tradicionais, como as notícias e, em menor grau, as reportagens, e que têm sua razão de ser na forma como as organizações jornalísticas dialogam com seu entorno: buscam-se, neste modelo de narrativa, questões mais largas, da ordem do humano. É o que percebemos, por exemplo, no artigo "A natureza é o clima: esquecemos disso por nossa conta e risco", de Watts (2023, s.p.), como visto a seguir:

> *O clima é uma expressão da vida. Esquecemos disso por nossa conta e risco. As enchentes e os deslizamentos que causaram destruição no litoral norte de São Paulo no feriado de carnaval são bem mais do que desastres naturais – precisam ser reconhecidos como acontecimentos provocados por seres humanos, porque quanto mais nós devastarmos a Amazônia e outros pilares vivos do mundo natural, menos estáveis serão o céu acima e o solo abaixo de nós.*

Observa-se que o texto, por meio de frases como "O clima é uma expressão da vida", que, em vez de se debruçar sobre um acontecimento, opta por abordar a problemática ambiental em torno de questões mais largas, como a própria existência. Cita, naturalmente, eventos como as enchentes, mas de forma a ilustrar a questão central do texto: nossa sobrevivência no planeta.

4.4 Antes personagens que fontes

Talvez a pista discursiva mais significativa que nos sugere que estamos diante de uma narrativa dissonante é de ordem estrutural e se refere ao uso de personagens no lugar de fontes em estruturas narrativas como essas. Fonte, sabemos, é um conceito do jornalismo e serve *grosso modo* para emprestar credibilidade e corroborar informações a partir de critérios como relevância, importância, disponibilidade etc. Já os personagens (Reis; Lopes, 1988), apesar de o conceito ser utilizado sem maiores cuidados, em particular por quem estuda narrativas, são de natureza literária e servem também *grosso modo* para estruturar os relatos. Há uma transposição conceitual a ser considerada aqui, portanto, mas, por economia de espaço, não vamos enfrentá-la neste momento.

Cabe observar, antes, que *Sumaúma*, nosso recorte empírico, ainda que se utilize de fontes em suas ofertas de sentido, faz o mesmo com personagens, como podemos observar no excerto abaixo:

> *Ao pisar nesta segunda-feira, dia 27 de fevereiro, no Vale do Javari,* ***Beatriz Matos estará entrelaçando*** *vários fios de sua vida. Foi ali que ela* ***se apaixonou*** *pela floresta amazônica, a partir de 2004, foi ali que ela* ***se encantou*** *pela fronteira cosmopolita onde se encontram e dialogam vários mundos indígenas, foi* ***ali que ela conheceu*** *Bruno Pereira e ambos foram tomados por uma paixão "avassaladora", foi* ***ali que construíram*** *uma casa e onde sonharam viver com os dois filhos com nomes que homenageiam indígenas. E foi ali que, em junho do ano passado, Bruno foi assassinado, esquartejado e queimado quando fazia uma expedição junto com o jornalista britânico Dom Phillips. É muito. E* ***Beatriz não sabe como lidará*** *com esse tanto, porque desde que o horror aconteceu, ela* ***busca dar conta*** *de um dia de cada vez. Beatriz sabe, porém, o que fará ali. E isso, em suas palavras, a enche de "animação e esperança" (Brum, 2023, s.p.).*

Observa-se que a jornalista Eliane Brum, autora do texto, ao transformar sua fonte (Beatriz Matos) em personagem, transformou-se, ela própria, em narradora. Com isso, deixa de lado o tratamento referencial, próprio do jornalismo, e passa a utilizar seu personagem para estruturar a narrativa, e, com ela, o discurso inerente ao texto. Por meio desse subterfúgio, somos informados, por exemplo, que "Beatriz não sabe como lidará" com o problema em questão, mas que, ainda assim, "busca dar conta de um dia de cada vez". Humaniza-se, dessa forma, a fonte e empresta-se-lhe outro papel na tessitura do texto.

Não nos demoremos nos exemplos; passemos, agora, às considerações interpretativas.

5 Considerações interpretativas

Pensar as narrativas dissonantes nos moldes que estamos propondo aqui implica observar, em primeiro lugar, que estamos falando de uma espécie de 'reacomodação' de ordem sistêmica. Ou seja, de uma operação que ocorre no âmbito do sistema midiático, no que ele tem de jornalístico, que é decorrente da processualidade da midiatização e que reconfigura práticas discursivas seculares. Por outras palavras, de uma metamorfose decorrente de complexas semioses que permite, ao sistema, a um tempo, fortalecer seus traços identitários e, com isso, produzir diferenças, no diálogo com as ofertas de sentido dos demais sistemas, e do entorno onde se encontram – não se pode pensar sistema sem um entorno –, e, com isso, viabilizar suas operações internas e externas.

O conceito de Zona Intermediária de Circulação (ZIC) é a chave hermenêutica para compreendermos como isso ocorre. Se, usualmente, o constructo se refere às complexificações que se estabelecem no interior dos dispositivos quando estes são atravessados por circuitos informacionais múltiplos, autorizados ou não, algo semelhante ocorre no âmbito do sistema em que estes dispositivos se encontram. Dito de outra forma, também o sistema, e não apenas seus dispositivos, são afetados pelas referidas interposições. Com uma diferença: quando isso ocorre, as ZICs se personificam na emergência antes de dispositivos que na reconfiguração de enunciados e processualidades internas dos dispositivos. O dispositivo, neste caso, é a própria zona intermediária de circulação.

É por isso que em um sistema formatado por dispositivos como *sites* de jornais, revistas, rádios, televisões etc. somos surpreendidos, aqui e ali, com *sites* como *Sumaúma*, a um tempo semelhantes e distintos de seus pares jornalístico-comunicacionais. São semelhantes, já o dissemos, porque sua forma de operação é de natureza comunicacional, mas os sentidos que emergem de suas semioses internas são substancialmente distintos dos demais dispositivos no plano discursivo, por isso os chamamos de "contra-hegemônicos". Tomando-se como exemplo, a título de ilustração, a degradação da floresta amazônica, é natural encontrar, em dispositivos jornalísticos convencionais, dado a relevância do tema, relatos (notícias, reportagens etc.) essencialmente referenciais[11]. Em *Sumaúma*, há, claro, referencialidade, mas a perspectiva, mesmo semelhante do ponto de vista temático, é, antes, ativista; contra-hegemônica. No primeiro caso, os relatos são narrados pelo segundo narrador, pós-moderno; no segundo, opinados, interpretados, julgados, inquiridos, mas, também, relatados, posicionamentos próprios de um narrador multifacetado e plurivocal, caso do narrador midiatizado.

É dizer, sob outro ângulo, que a presença de circuitos informacionais múltiplos no âmbito do sistema comunicacional reconfigura o próprio sistema, e não apenas os relatos no interior de seus dispositivos, e que esta reconfiguração pode ser percebida pela emergência de novos dispositivos, caso de *Sumaúma*, que são, insistimos, alinhados tematicamente aos demais – no exemplo, a questão "floresta amazônica", mas substancialmente distintos discursivamente de seus pares. Com isso, tanto reconfigura quanto fortalece as margens identitárias do próprio sistema midiático no que ele tem de jornalístico por meio da produção de diferenças que geram diferenças, aqui no diálogo com Bateson (2000).

Também é importante reiterar que as diferenças a que nos referimos acima são identificáveis por meio de pistas discursivas deixadas na superfície dos relatos. É o texto, ao fim, em seu sentido *lato*, que nos permite dizer se estamos diante de uma narrativa hegemônica ou dissonante, o que projeta nosso olhar para a necessidade de repensarmos, em jornalismo, a questão dos gêneros, no diálogo com Soster (2015) e pensados como índices de camadas mais profundas de significação.

A considerar o que dissemos até aqui, ser dissonante implica observar que precisamos levar em conta, na análise, aspectos como subjetividade, alteridade, proximidade etc. com a mesma intensidade que sempre observamos elementos estruturais, tais como fontes, dados etc., sem desconsiderar estes. Mas, principalmente, que o jornalismo está mudando, uma vez mais, e que compreendê-lo a partir desses novos arranjos é a tarefa que se nos impõe desde há muito.

Referências

BARBOSA, Catarina. Damares mente e estigmatiza as famílias pobres do Marajó. 2022. *Sumaúma*. Disponível em: https://sumauma.com/damares-alves-mente-criancas-ilha-marajo/. Acesso em: 21 fev. 2023.

[11] É o caso da reportagem *long form* veiculada no *site* G1, intitulada "Focos de queimadas na Amazônia dobram em um ano", de Peixoto (2023).

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 2000.

BEDINELLI, Talita. 'Nossas vidas acabaram': sexo por ouro, alcoolismo e doenças. As aldeias Yanomami destruídas pelo garimpo. 2023. *Sumaúma*. Disponível em: https://sumauma.com/nossas-vidas-acabaram-sexo-por-ouro-alcoolismo-e-doencas-as-aldeias-yanomami-destruidas-pelo-garimpo/. Acesso em: 15 fev. 2023.

BENJAMIN. Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre a literatura e história da cultura. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jader; JACKS, Nilda. *Mediatização & midiatização*. Salvador – Brasília: Edufba – Compós, 2012.

BRUM, Eliane. O primeiro ato de Beatriz Matos, viúva de Bruno Pereira. 2023. *Sumaúma*. Disponível em: https://sumauma.com/o-primeiro-ato-de-beatriz-matos-viuva-de-bruno-pereira/. Acesso em: 3 març. 2023.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. *In*: Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina. Sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. *Anais*... Departamento de Ciencias de la Comunición. 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma*, 6(2), 08-40, 2018. https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004

FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? *In*: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

GENETTE, Gerárd. *Figuras III*. Barcelona: Lumen, 1988.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

LEAL, Bruno Souza. *Introdução às narrativas jornalísticas*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.

MOTTA, L. G. *Análise crítica da narrativa*. Brasília (DF): Editora UnB, 2013.

PEIXOTO, Roberto. Focos de queimada na Amazônia em abril dobram em 1 ano. 2023. *G1*. Disponível em: https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/05/13/focos-de-queimada-na-amazonia-em-abril-dobram-em-1-ano.ghtml. Acesso em: 2 dez. 2023.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. *In*: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

JOHNSON, Allan. *Dicionário de sociologia*: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SEARLE, John R. *Intencionalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil*: mídia, liberalismo e finanças. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Quarto narrador, um conceito em movimento. *E-Compós*, 26, 2023. https://doi.org/10.30962/ec.2703

SOSTER, Demétrio de Azeredo. As narrativas de bicicleta como fenômeno midiático e a emergência do narrador midiatizado. *In*: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. *Narrativas midiáticas contemporâneas*: sujeitos, corpos e lugares. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiatizado. *Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação*, São Leopoldo. v. 6, p. 113-120, 2018.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O sistema como quarto narrador do jornalismo. *In*: Ana Carolina Rocha Pessôa Temer; Marli dos Santos. (Org.). *Fronteiras híbridas do jornalismo*. Curitiba: Appris, 2015, v. 3, p. 161-176.

VERÓN, Eliseo. *La semiosis social 2*: ideas, momentos, interpenetrantes. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

WATTS, Jonathan. A natureza é o clima: esquecemos disso por nossa conta e risco. 2023. *Sumaúma*. Disponível em: https://sumauma.com/a-natureza-e-o-clima-esquecemos-disso-por-nossa-conta-e-risco/. Acesso em: 3 mar. 2023.

Artigo submetido em 28/04/2023
Aceito em 30/09/2023